



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Fernanda de Matos e Silva-Dynette

Desenhos de A. CASTANÊ

**A** CABAVA de celebrar-se, com enorme pompa, o enlace matrimonial do ratinho Fidélio e da sua linda noiva Constância.

Por entre a fila louvaminheira dos amigos e convidados, o par feliz encaminhou-se para os braços dos pais e, entre abraços e lágrimas, despediu-se, comovido, da vida despreocupada de solteiros.



Iam partir para uma longa viagem que tinha por termo o Império do Salão, onde o monarca do reino da Rataria exercia o seu poder absoluto e dispensava altos cargos a quem os sabia grangear.

Fidélio era ambicioso; sempre invejara os grandes da terra que possuem palácios e riquezas e jurara a si próprio que um dia, talvez próximo, havia de ser alguém...

Seus pais ralhavam-lhe, davam-lhe

bons conselhos de moderação e bom senso, mas Fidélio, que sentia uma estranha atracção para a música, respondia-lhes com o constante sonho de grandeza do seu ideal de celebridade.

Constância, com a eloquência do seu meigo coração de ratinha sensata, tentava, também, dissuadi-lo, à força de argumentos sábios e ternos, a abandonar os seus projectos audaciosos, mas Fidélio, com teimosia cega, não dera ouvidos à voz da razão balbuciada pela boca do amor.

E, após os abraços lacrimosos da despedida, o parzinho apaixonado seguiu, ligeiro, para o seu destino incerto, em busca de uma oportunidade de glória.

Constância, na sua vózita meiga, ainda pediu:

— Fiquemos junto de vossos pais, Fidélio. E' aqui que nos espera a felicidade!

Mas êle, inabalável, retorquiu:

— Não, meu amor. Desde pequeno que espero esta ocasião para cumprir o meu sonho. Serei um grande músico, verás! E viveremos em riquíssimo palácio cheio de riqueza, onde a felicidade nos sorrirá tão bem como junto dos nossos.

— Mas, meu maridinho, nossos pais foram felizes na sua modéstia. Porque corremos à aventura com a alma cheia de incerteza, se sabemos que atrás de nós fica, uma vida de segurança, longe de inimigos e na abundância?

Fidélio parou um instante, de sobroto carregado, e perguntou:

— Já estás arrependida de ter casado comigo? Se assim é, volta para junto dos teus, pois eu seguirei sozinho o meu destino, para um país onde encontrarei meios de pôr em música

as melodias que sinto no coração. Já minha mãe me dizia: «Fidélio, sé sensato, nunca se viu em todo o reino da Rataria um ratinho músico, compositor; isso é apenas no mundo dos homens, êsses temíveis inimigos»... Mas eu nunca lhe dei ouvidos e, apesar de todo o amor que te tenho não deixarei de seguir o meu ideal.

Constância, que o ouvira em constante silêncio, reprimiu as lágrimas que lhe assomavam aos olhitos de aze-



viche e, meiga, disse, pegando-lhe no braço:

— Vamos, Fidélio, sou tua mulher; irei contigo, ainda que seja para a morte!

E, outra vez ternos e felizes, os dois ratinhos seguiram para novas terras. Que-diferença entre a aridez grosseira dos sobrados da Cozinha e da Despensa para o encerado «parquet» do Corredor! Que luxo de paredes forra-

das de papel, que lindas passeadeiras de flores a que só faltava o perfume para parecerem verdadeiras?

Muito juntinhos, humildes ante tanta riqueza desconhecida, abriam os olhinhos reluzentes e deslumbrados para tudo e, sem pensarem no perigo que corriam por aquelas paragens desconhecidas, seguiram a viagem até aos umbrais do reino do Salão.

Fidélio, tirando, respeitoso, o chapéu alto, disse, em voz grave e abafada à encantadora companheira:

— Vamos entrar no reino do Salão. Foi aqui que um amigo meu, muito



bem visto na corte, me prometeu um lugar na Catedral dos Sons.

Constância curvou um pouco a cabezita envolta no flutuante véu de noiva e, com gracioso gesto, alisou o pêlo macio e sedoso, não fosse, estar despenteada e fazer triste figura ao pé do seu tão garboso marido.

Timidamente, Fidélio bateu na porta umas pancadas convencionais e, após momentos de espera, em que os corações de ambos pulsavam de ansiedade, uns passinhos aveludados, cautelosos, fizeram-se ouvir do outro lado. Num instantinho, uma porta falsa se abriu e o nosso parzinho pôde entrar indemane na capital do Reino da Rataria.

Trocados os cumprimentos entre os dois amigos e feita a apresentação do estilo, deste à jovem esposa, dirigiram-se os três para um riquíssimo palácio de brocado dourado e azul, de lindas franjas de seda, a que os homens chamam uma *otomana*, e onde o rei tinha a sua moradia, entre fôfa sumaúma e sedas caras.

Constância abria os olhos de pasmo para aquelas magnificências de que nem fizera ideia no buraquinho em que fôra criada com seus irmãos, e o próprio Fidélio, que estava ao facto de tudo pelas conversas que tivera com o amigo, nunca esperara que a realidade fosse de tal forma superior às narrativas ouvidas.

Em frente da porta que os separava da sala do trono onde os esperava o rei, tremeram um instante de comoção, mas, afoitos ante a necessidade de não se mostrarem inferiores aos ratos da capital, entraram sem pestanejar e com estudada serenidade.

Entre fôfas almofadas sentava-se o rei Dente Fino V, com a sua reluzente

corôa de ouro e pedrarias e rodeado pelos mais ilustres fidalgos do seu séquito e suas esposas.

Com um gesto benevolente, cortezou Fidélio, que se curvou até ao chão em respeitoso cumprimento e sorriu à tímida Constância, que se curvara em graciosa mesura, a patinha branca e bem cuidada sobre o coração como a jurar fidelidade.

— Sejam bem-vindos à minha corte! — disse amavelmente.

— Estimamos a Vossa Majestade todas as venturas e felicidades; pedimos-lhe que nós conte entre o número dos seus mais fiéis vassallos! — respondeu Fidélio pondo o joelho em terra.

Mas o rei, magnânimo e cortez, fê-lo erguer e, dirigindo-se ao seu primeiro ministro, o amigo do nosso ratinho, ordenou-lhe que os guiasse para a sua nova moradia.

— Fidélio. Fui informado de que sois um verdadeiro génio para a música, pedr-se.

— Senhor, Conheço a música como me conheço a mim própria e não é favor, pois dela me alimentei largos anos da minha meninice. Morava com meus pais e irmãos na província do Sótão, enorme casarão onde cada qual seguia a sua preferência. Meus irmãos, como ratinhos vulgares, escolheram vida regalada e farta encontrando nas arcas de centelo e trigo alimento à vontade, com pouco trabalho, mas eu, que sempre adorei as dificuldades e, sobretudo, a instrução, comecei a roer os livros de um caixote. Foi assim que aprendi música. Roi, uma a uma, as páginas de um compêndio de solfejo e, depois, um livro de Harmonia e outro de estudos de Czerny, e no meu peito nasceu, desde esse tempo, o desejo de compôr as melodias que me inspira a natureza.

O rei ouviu-o cheio de interesse e, batendo-lhe no ombro com a patinha adornada de fulgurantes braceletes, declarou:

— Mereces habitar na Catedral dos Sons e desde já te nomeio o meu organista.

Com uma reverência, cheia de un-



ção, Fidélio saiu, recuando, seguido por Constância, de olhos marejados de lágrimas de gratidão.

Acompanhados por vários cortezãos, curiosos e desejosos de agradar ao organista real, o parzinho feliz atravessou as espessas tapeçarias reais e, boquiaberto, parou ante a Catedral.

Três portas largas abriam-se de par em par, como para os receber, enclimadas por elegantes telheiros de cobre polido.

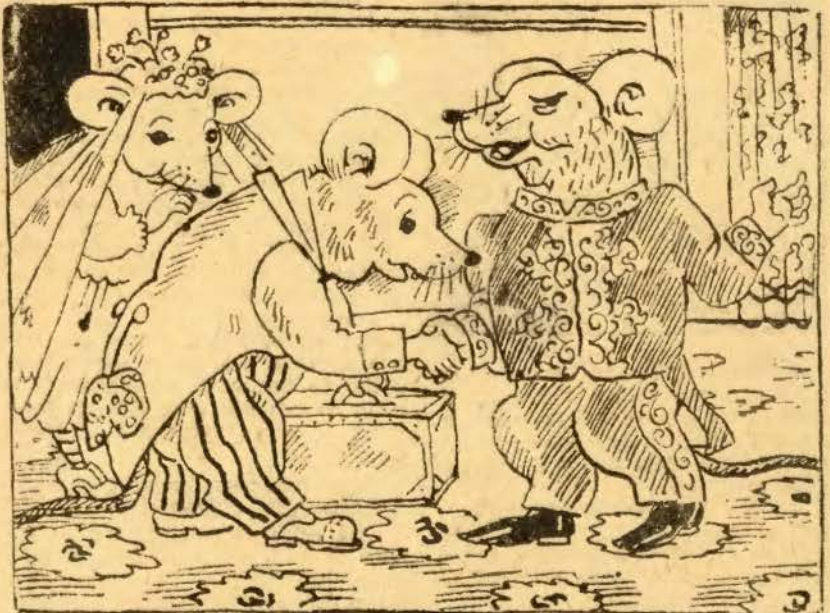
Por fóra, o edifício era de madeira negra polida, brilhante como um espelho, com colunatas, flores e aves esculpidas.

Em cima, uma espécie de varanda tapada, que ao levantar-se deixava ver uma galeria de marfim amarelado, com assentos de pedra negra aqui e ali.

Constância, boquiaberta pela suntuosidade do palácio que seria a sua moradia, entrou para um átrio forrado de madeira cor de pérola, onde uma escadaria gradeada levava às salas que sucessivamente atravessou até chegar à sala das recepções.

Tudo lhe parecia demais para a sua modestia.

Retiraram-se, enfim, os cortezãos, e os dois noivos, ternos e felizes, esco-





lheram entre as imensas salas a menos luxuosa e mais cómoda, retirada dos salões, onde se sentiam deslocados.

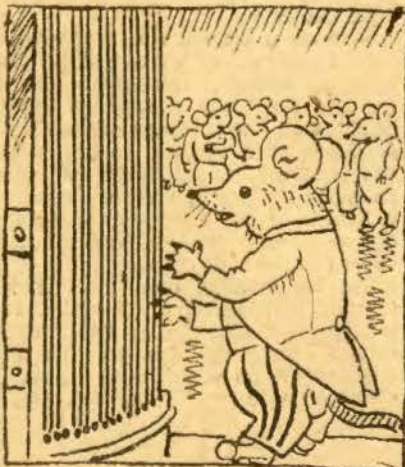
Fidélio, logo nessa noite, quis experimentar se não se enganara na sua vocação e, docemente, em surdina, não fôsse acordar suas majestades, improvisou uma linda «romanza» que, com os seus agudos dentes e patinhas de veludo, fez ressoar vibrando as cordas de cobre em terníssimos sons.

Constância escutava-o num arroubo de felicidade e, pouco a pouco, foi adormecendo no seu coração sensato a ansiedade que, desde a manhã, lhe oprimia a alma, tremendo ante a nova existência que o marido escolhera.

\*  
\* \* \*

Foram-se passando os dias em estática felicidade para Constância, ora cuidando da sua linda casa, ora ouvindo, admirativa e orgulhosamente, as lindas melodias que Fidélio compunha como hinos à alegria de viver, à vida bela e linda!

No Reino do Salão tudo era alegria. As festas sucediam-se umas às outras, sem cessar, e os alimentos eram tra-



zidos pelos vassallos, de caçadas e sortidas aos armários e bufetes, nunca faltando mantimentos com que abarrotavam as mesas dos banquetes.

Como organista real, primeira entidade musical do reino, Fidélio tinha de se apresentar com a mulher em todos os saraus do paço, onde apreciavam a afabilidade e a arte de conviver na sociedade do jovem par.

Constância era feliz, quasi esquecera já as suas apreensões primitivas e, alegremente, ia trabalhando, afanosa e terna, na conclusão de um fôfo ninho. Em breve seria «mamã» e o pensamento de que, daí a pouco, veria correr a seu lado uns oito ou dez ratinhos, mimosos, de pelagem de fino veludo, punha-lhe os olhos cintilantes de orgulho e o coração cheio de doçura.

O marido ajudava-a carinhosamente nessa rude empreitada e, roendo aqui e ali, todos os dias trazia farto material de construção, variadíssimo, pois, além da fôfa lá roída pacientemente às camurças dos pedais, trazia bocadinhos de papel, pausitos e todos os trapitos que encontrava a jeito. Ao cabo de uns dias de trabalho insano, estava construído o ninho, objecto de tão aturados cuidados e amor. Jeitosamente disposto entre duas traves, sob o docel das teclas de marfim, o delicado ninho erguia-se convidativo, todo feito de sedosos blocos de variadas cores, esperando, apenas, a vinda dos bebés.

E, num dia radioso, chegaram, finalmente, os mimosos meninos. Rosados, pequeninos, delicados como brinquedos, oito gentis ratinhos chiavam docemente, guardados pela solícita mãe, atenta aos seus menores desejos.

Fidélio, que saíra em busca de mantimentos, ficou radiante ao voltar para casa com o quadro de ternura que se desenrolava ante os seus olhos comovidos.

E, daí em diante, a vida teve para o parzinho novos e fortes encantos.

A atracção do Lar, confortável, radiante de felicidade, operou no seu

ambicioso coração uma notável mudança. Vagamente, em face das suas novas responsabilidades de pai de família, começou a pensar que uma vida mais íntima, mais portas a dentro de sua casa, seria o verdadeiro ideal. Os saraus, as festas, onde agora ia só, começaram a enfastiá-lo e, em vez do vaidoso orgulho que lhe causava a consideração de que era alvo, Fidélio principiou a compreender que não era ao seu valor que a dispensavam os astutos cortezãos, mas ao próprio rei, a quem queriam agradar, adulando o seu organista.

Sentiu saudades do viver calmo e são que disfrutava com os seus, no seio da família, onde a amizade era verdadeira e a atmosfera alegre, sem hipocrisia.

Mas, por outro lado, o íman da sua arte atraía-o para a música e, esquecendo as suas preocupações, compunha «berceuses» e barcarolas, para adormecer os filhinhos.

Um dia, Constância esperou em vão a volta do marido, cada vez mais preso na corte, onde o rei lhe dispensava sincera simpatia, e como se passassem minutos e minutos sem êle vir compar-



tilhar da refeição costumada, ao amanhecer partiu, ansiosa, para o Palácio Real, a saber o que tanto o prendia longe dos seus deveres.

Quando transpôs as primeiras salas, viu que a mais completa desordem reinava ali e que os cortezãos iam e vinham afadigados, consternados e mudos, com o terror estampado nos focinhos astutos e o ouvido álgido ao mais pequeno prenúncio de perigo.

Desde manhã, mal o sol começara a entrar, em poalha de ouro, pelas frinchas largas das janelas fechadas há muito tempo, que estranhos rumores se ouviam junto das grandes portas do Salão, até aí imerso no mais repousante silêncio.

Constância, com a cabeça perdida ante o aspecto de desordem da corte, de ordinário tão compassada e cerimoniosa, perguntava a uns e outros o que significavam aqueles ruídos enigmáticos e o pavor que lia em todos os olhares e foi o próprio rei quem, compadecido da sua grande aflicção, lhe contou que uma grande desgraça estava prestes a acontecer, de que poderia resultar até, a perda do seu reino. Já em tempos passados, quan-

do éle era apenas um príncipe sem esperança de reinar, pois era terceiro filho de um poderoso rei, tinha sucedido cataclismo igual ao que ameaçava destroçar o seu reino agora, pois que os mais fidedais inimigos do seu povo, os Homens, tinham perturbado a paz em que viviam os seus pais e, revolvendo, de baixo a cima, todas as habitações dos seus súbditos, tinham feito tal mortandade que da família real fóra éle o unico a escapar, e poucos mais cortezãos. E, pelos ruidos de passos e vozes que vinham de fóra, via claramente que a cans ia repetir-se e que soara a hora de renunciar ao seu Império e fugir ante a cólera do poderoso e invencível inimigo, para salvar a própria vida.

Constância sentiu-se desfalecer ante o perigo que ameaçava os seus filhos, esquecida de tudo o mais que não fosse a sorte que esperava os desgraçados pequenos que ainda não sabiam andar, mal cobertos de pélo, de tão tenra idade. E, com o coração alanceado das mais atrozes apreensões, saiu em busca de Fidéllo, para com éle tentar um meio de salvação.

Mas, mal tinha saído as portas do palácio, teve que refugiar-se num cantinho, incapaz de dar um passo. Duas ou três criadas, armadas de vassouras e espanadores, resolutas e barulhentas, tinham entrado pelo salão e,

depois de abrir de par em par as janelas, começaram a vasculhar todos os móveis e cantos da casa. De cada móvel quasi se escapavam famílias inteiras de ratinhos que, em reboliço, procuravam escapar-se pelos buracos dos rodapés ou pela porta entreaberta, mas quasi todos eram massacrados pelas vassouras mortais das criadas ou perseguidos cruelmente até serem assassinados sem dó nem piedade.

Os gritos de terror das pobres vítimas eram cobertos pelas imprecações das inimigas e os brados de esalve-se quem puder ressoavam a todo o instante, gritados pelos infelizes que procuravam escapar à fúria dos assaltantes e iam procurar outra vida para novas paragens mais pacíficas.

Constância, com a constância do seu nome, não abandonava o seu posto; nem os conselhos dos fugitivos, nem os pedidos do marido, que, por fim, a encontrara, conseguiram arrancá-la donde estava, olhos fitos no malfadado palácio, essa Cathedral fatídica que atraía a ambição do marido e na qual estavam, indefesos, os seus queridos filhos.

E o coração quasi lhe deixou de pulsar, quando viu que uma das criadas se dirigiu para junto da Cathedral dos Sons e, levantando a varanda, começou a tirar, uma a uma, as teclas de marfim polido, debaixo das quais se albergava o ninho dos seus filhos. Já estavam quasi descobertos, os desgraçadinhos, quando um grito de uma das criadas lhe arrancou a última esperança: dizia, ella:

— O' Maria! Vein' ver um ninho de ratos dentro do piano! Estes diabos roeram quasi as camurças todas; patifes, dão cabo de tudo!...

E, uma após outra, juntaram-se todas, discutindo a meio a dar aos pequeninos.

E depois de vários alvitros de morte, todos mais cruéis uns do que os outros, os pobres ratinhos desapareceram dentro de um balde de água, ante os olhos mortalmente aflitos dos pais imóveis de dor e sofrimento.

Já nada existia do que fóra o fófo ninho onde dormiam os filhos, e os dois pobres ratos, abraçados, não conseguiram dar um passo nem dizer um ao outro uma consolação.

Foi em desolado, silêncio que Fidéllo arrastou Constância, inconsciente de dor, através dos mesmos ricos «parquets» que na esperancada vinda lhes tinham encantado tanto a vista e que, agora, olhavam com indiferença, um véu espesso de lágrimas empanando-lhes a vista, chorando a felicidade perdida.

Quando, depois de muito caminhar, chegaram, exaustos de cansaço e sofrimento, à terra de seus pais, à afastada e serena provincia do Sótão, foi com exclamações de alegria que os saudaram. Nos corações amorosos dos pais, irmãos e amigos, encontraram, enfim, um lenitivo para a sua dor, confortados com a idéa de verem compartilhados os seus desgostos.

O triste e desiludido par escolheu para moradia um modesto caixote de musicas, irmão gémeo do que fóra berço da infância de Fidéllo.



Passaram-se meses, e o som doce e terno de um instrumento vibra no imenso casarão onde cada familia de ratinhos vive em paz, sossegadamente. No modesto caixote de tósca aparência, reina a mais franca e real alegria que se possa imaginar. Constância, bela como nunca e feliz, ensina os primeiros passos de um minuete a uma ninhada de dez graciosos ratinhos pardos, de pelagem macia e fina como setim, enquanto Fidéllo, que encontrou entre um montão de objectos velhos um estafado violino, compõe as suas melodias com a alegria que dá a segurança do dia de «samanhã» e de se sentir estimado e compreendido.

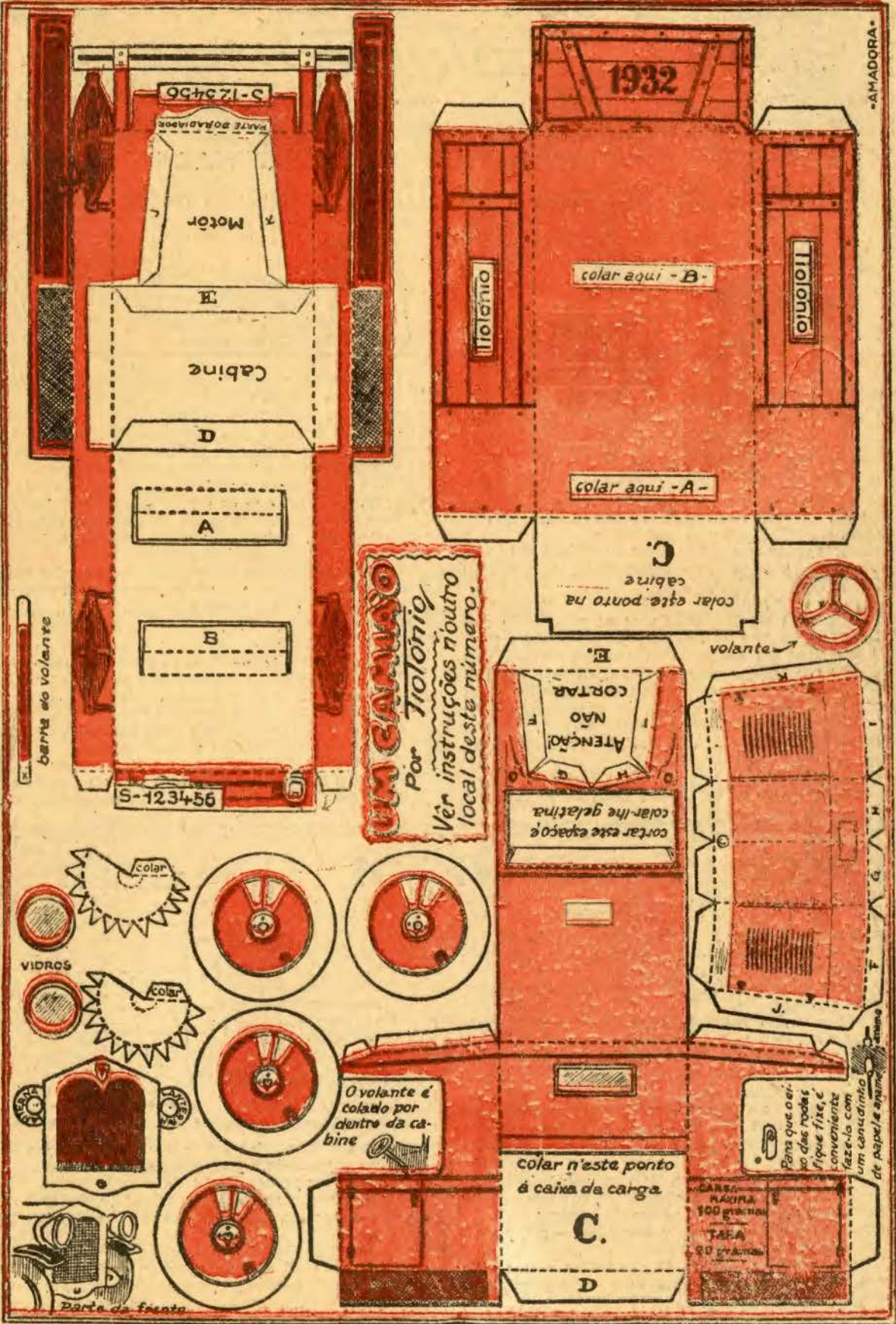
E quando Constância, bondosa e enlevada, vem fazer-lhe um terno elogio aos progressos da sua arte, Fidéllo não pode deixar de confessar, comovido e feliz:

— Desde o dia em que, seguindo os teus conselhos, deixei o maldito defeito da ambição, sou mais feliz do que um rei. Tu é que tinhas razão, afinal, e eu era um louco quando pensava que só a riqueza, as honrarias, dão a felicidade, porquanto foi junto do amor dos meus, embora modestos e humildes, que encontrei a satisfação de viver, o desejo de cantar outra vez as belezas da vida.

Um longo beijo, como nos filmes, termina a história, e foi assim, renunciando à ambição de serem mais do que tinham sido seus pais, que Fidéllo estovado e a sensata Constância conheceram a verdadeira felicidade.

FIM

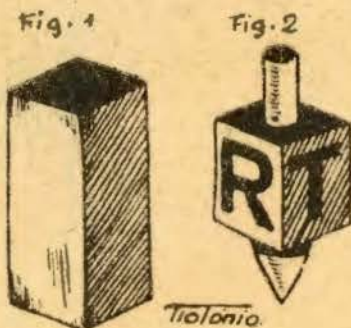
# Construção para armar





◀ ENGENHOCAS ▶ PASSATEMPOS ▶ ADIVINHAS ▶ JOGOS ▶

### Como se faz um rapa



Não há, decerto, leitor nenhum, que não saiba o que é o rapa.

Este brinquedo tem a vantagem de poder ser jogado por um número ilimitado de jogadores, de todas as idades.

#### Como se constrói?

Com madeira macia, faz-se uma peçazinha, de madeira, como a gravura n.º 1 indica, raspando-se a mesma muito bem com um pedaço de vidro. Em seguida marca-se, com um lápis, o tamanho que deve ter o cubo no qual ficam as letras e o centro de ambos os lados. Com um canivete, vão-se desbastando as quatro faces até ficar o brinquedo completo. Aliza-se com lixa, e fazem-se-lhe as letras a tinta. R. T. D. P. (Rapa, Tira, Deixa, Põe).

#### Como se joga?

Põe-se um pires ad centro da mesa de jogo. Cada

### Um pau partido entre dois copos



Todos conhecem esta experiência, devida ao princípio de inércia de que já falámos em outro número.

Coloquem uma vara de madeira sobre dois copos de vidro, de forma a que assentem perfeitamente sobre o seu rebordo e que estes, por sua vez, também estejam sobre uma mesa ou outro ponto bastante fixo.

Dêem uma pancada violenta ao centro da vara e esta quebrar-se-há sem que os copos sofram o mínimo dano.

Para não quebrar os copos com alguma experiência mal executada, poderão fazer um ensaio na borda de uma mesa, como a gravura indica.

Uma variante desta experiência, é o prender um pau pelas duas pontas com duas cintas de papel e deixá-las penduradas no bordo de uma cadeira.

Com a mesma pancada violenta o pau quebra-se e os papéis ficam intactos.

jogador tem um certo número de marcas ou tentos dos quais coloca um no pires antes de começar.

Faz girar o rapa, um por cada vez.

Saíndo o P. (põe) coloca mais uma marca no pires.

Saíndo o D. (deixa) não tira nem põe.

Saíndo o T. (tira) retira uma marca apenas.

Saíndo o R. (rapa) rapa todos e para recommear o jogó colocam todos, novamente, uma marca no pires.

## COMO SE CONSTRÓE UM CAMIÃO

Embora não o pareça, esta construção é muito fácil se se cingirem às instruções abaixo, pelas quais todos podem fazer um camião para todo o serviço.

1.º Colar a folha em cartolina fina ou, simplesmente, em papel almaço.

As rodas devem ser reforçadas com cartão o mais grosso possível, para lhes dar mais consistência.

2.º Recortar todas as peças cuidadosamente, começando pelo «chassis» ou seja a parte onde assentam a caixa da carga, cabine e motor.

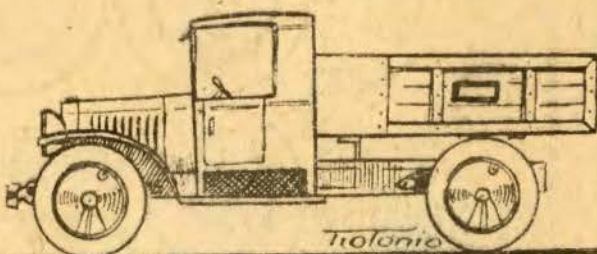
Reparar que esta peça tem varias dobras a que convém atender, pois foi feita de uma só peça, para evitar a a rolagem de pequenas peças que, facilmente, se perdem.

Notar na grav. 1 a dobragem dos guarda-lamas da frente (atrás não tem) do para-choques, que tem as pontas dobradas para trás, como os camiões a sério.

Cortar as patilhas A e B e dobrá-las: — a B para o lado da cabine e a A, para a parte de trás.

Colocar, então, as rodas, já reforçadas com cartão grosso e unidas entre si por arames curtos da grossura de um gancho de cabelo.

Fazer a parte a cabine que nada tem de difícil, colan-



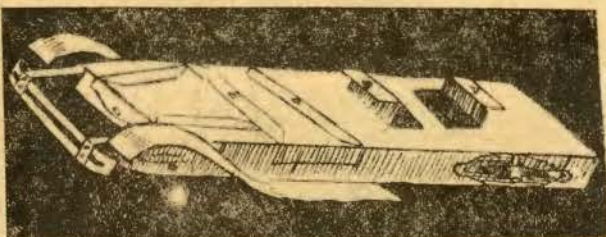
do-a no seu respectivo lugar D e E. Notar que a frente (para-brizas) e atrás a janellinha, devem ser cortadas, colando nelas um pedaço de gelatina.

Dentro da cabine, colocar o volante, que fica à altura devida, o que todos já devem saber, vendo um camião verdadeiro.

Aparte, também, faz-se o «capot» do motor com o irradiador, no qual são colocados os faróis, as peças mais pequenas desta construção, nas quais, querendo, também, podem colocar pedacinhos de gelatina, pela parte de fora, colados no círculo da lanterna. Finalmente, cola-se a caixa

é a carga, que, como estão vendo, não apresenta dificuldade alguma.

E agora só me resta, recomendar-lhes muita prudência.

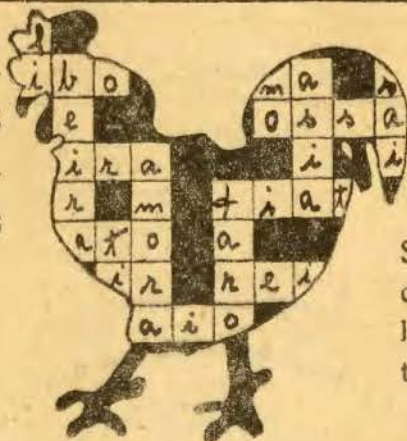


para evitar, atropelamentos e outros tantos incidentes, que todos os dias se estão registrando.

Digam-me o que querem a seguir, pois está, como sempre, às vossas ordens o

Amigo velho TIONIO

PALA-  
VRAS  
CRUZA-  
D A S



Solução  
do prob-  
lema an-  
terior.

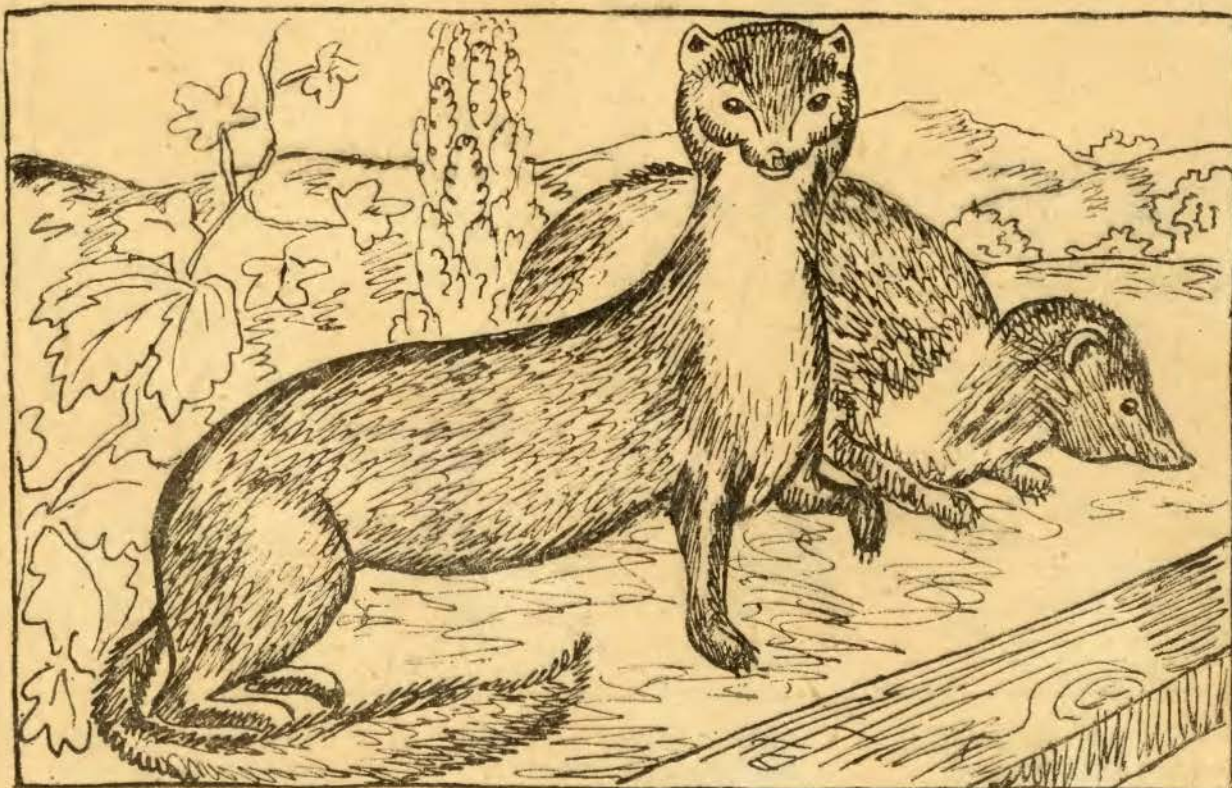
# ADIVINHA



Meus meninos

A esposa deste sujeito é uma senhora facilmente irri-  
tável, como podem ver pela sua expressão, no caso de a  
descobrirem.

## Para os meninos colorirem



A MARTA

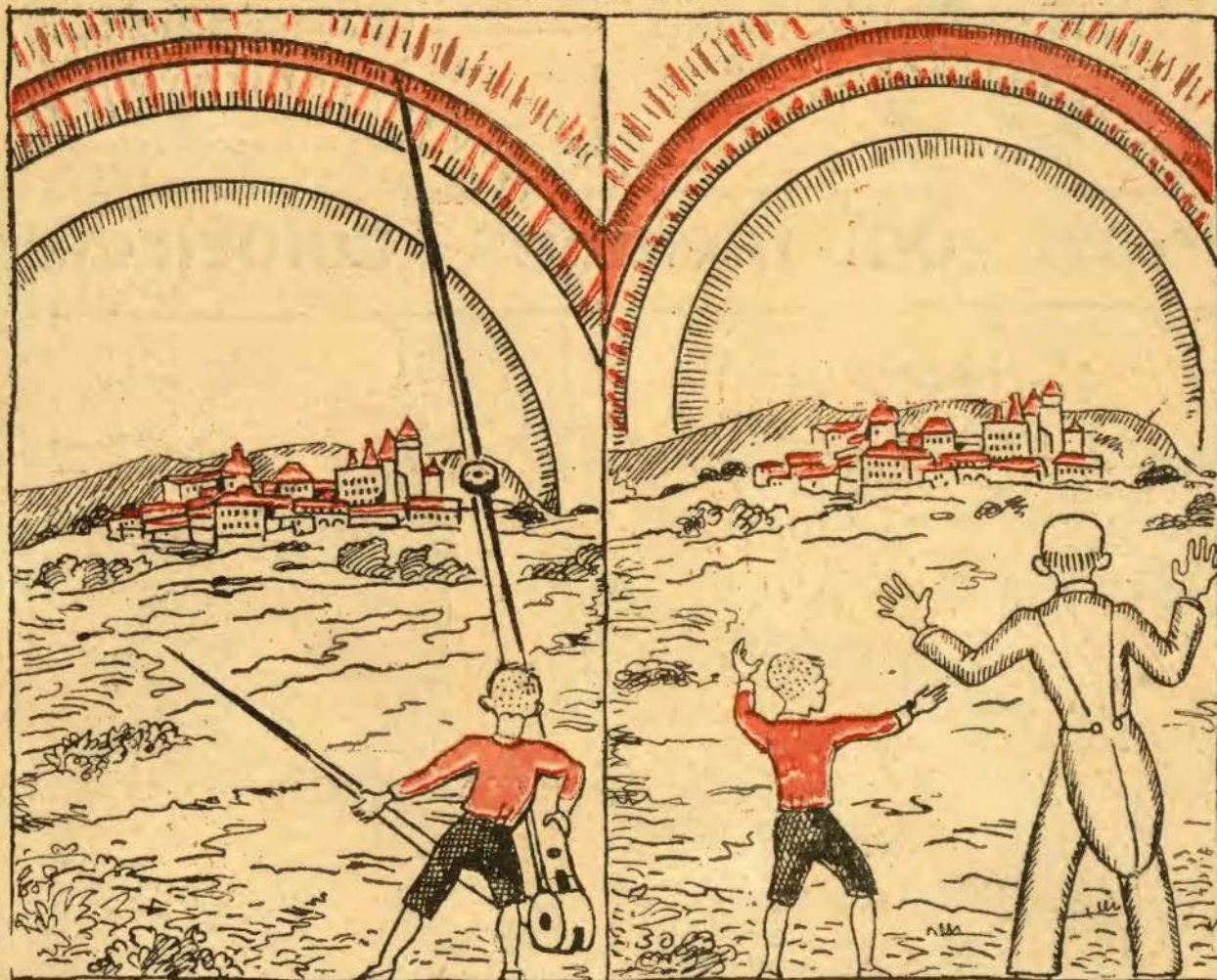
# "ZEZINHO" E O ARCO IRIS



I—Em sua escola, o Zézinho, ao quadro preto é chamado por seu mestre Zé Martinho:  
—«Desenha aí, com cuidado, um semi-circulozinho.»

II—Zézinho quer' ficar bem... e, a temer sair-se mal, vacila, hesita... Porém, uma idéia genial, súbitamente, ele tem.

III—Vendo-se em tal embarço, corre à carteira a buscar o seu enorme compasso; sai à rua e põe-se a olhar o vasto céu, todo o espaço..



IV—Nisto com fulva centelha, habituado a fazer coisas do arco da velha, finge no céu descrever o arco que nêle se espelha.

V—Entanto, (o caso deu brado!) aparece o Zé Martinho, que o seguira algo pasmado. E diz-lhe, nisto, o Zézinho:  
—«Pronto, está já desenhado!»

VI—Achando-lhe graça, então, o professor Zé Martinho, em face da solução do seu aluno Zézinho, aprova-o com distinção.